



Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na sexta-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na sexta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
1,11% São Paulo	114.170 115.754	R\$ 5,088 (+ 0,77%)	R\$ 1.320	R\$ 5,350	12,65%	12,51%	Maio/2023 0,23 Junho/2023 -0,8 Julho/2023 0,12 Agosto/2023 0,23 Setembro/2023 0,26

SISTEMA FINANCEIRO

BC quer completar com Drex a inclusão digital

Previsão de implantação da nova moeda é até 2025. Principais atrativos serão a segurança e a garantia que não têm as criptos

» RAPHAEL PATI*

O Banco Central (BC) pretende implantar até o final de 2024 — no mais tardar, no começo de 2025 — a nova moeda digital brasileira: o Drex. Anunciado em agosto, a ideia da autoridade monetária é completar a inclusão da população no ambiente financeiro virtual oferecendo um produto seguro e, a princípio, a salvo de fraudes como pirâmides financeiras e que não sofra o desgaste da falta de regulação — e, portanto, ideal para crimes como lavagem de dinheiro e extorsão.

Somente no Brasil, 36% da população tinha algum investimento em produtos financeiros em 2022. Para este ano, a expectativa é que esse percentual cresça pelo menos cinco pontos percentuais. E, mais ainda, assim que o Drex estiver plenamente implantado.

A CBDC (sigla em inglês para Moeda Digital do Banco Central) brasileira é resultado de seis anos de estudos. Atualmente, mais de 425 milhões de pessoas já aplicaram valores em algum dos mais de 22 mil ativos cripto existentes atualmente. Desse total, em torno de 3,2 milhões são brasileiros, de acordo com dados da Receita Federal.

A criptomoeda mais famosa e mais utilizada também foi a primeira a surgir no mercado. O Bitcoin nasceu após a crise imobiliária de 2008, que completou 15 anos no último mês. Calcula-se que, atualmente, 210 milhões de usuários que investem neste ativo, o que corresponde a mais de 50% de todo o mercado global de criptos. Outras moedas que se destacam são a Ethereum, a Tether (USDT) e a USDC — as duas últimas pareadas com o dólar norte-americano.

Todas as criptomoedas operam em sistema de blockchain. Ou seja, uma espécie de livro de registros, que guarda e compartilha as informações referentes a um ativo financeiro, o que facilita a gravação de transações e rastreamento das moedas, por exemplo. Além disso, também garante segurança criptográfica para impedir que haja alteração nos dados registrados e a intermediação de outros agentes, além do próprio usuário e do fornecedor.

Invasões

Mesmo assim, o sistema operacional das bitcoins não é imune a ataques de hackers. Casos recentes de perdas milionárias de dinheiro revelaram que a carteira de fundos da criptomoeda pode sofrer ataques apesar de todos os dispositivos de proteção. Um dos mais recentes episódios foi o de um casal russo, preso no ano passado, que conseguiu lavar 119.754 Bitcoins — o equivalente a cerca de US\$ 4,5 bilhões, conforme cálculos feitos em fevereiro de 2022. A dupla agia por meio de identidades falsas e não deixava rastros em cada transação que praticavam.

Além dos riscos relacionados à segurança do sistema, as criptomoedas ainda podem ser

Rodrigo de Oliveira/BC



Expectativa do Banco Central é de aumentar a inclusão nos produtos financeiros. Em 2022, 36% dos brasileiros tinham algum investimento

Saiba o que é a nova moeda digital

O que quer dizer Drex? D, de digital; R, de real; E, de Eletrônico; X, dá a ideia de modernidade

■ Não tem data definida para que passe a vigorar. Expectativa da autoridade monetária brasileira é de que seja entre o fim de 2024 e o começo de 2025;

■ Foi idealizado em 2017, quando se iniciaram os estudos para a implementação da moeda;

■ O Drex é uma CBDC — sigla em inglês para Moeda Digital de Banco Central (Central Bank Digital Currency);

■ 119 países já anunciaram o uso de CBDC. Mas só está valendo em três países: Nigéria, Bahamas e Jamaica;

■ Ao contrário do Pix, que é o meio de pagamento instantâneo criado em 2020 pelo BC, o Drex atuará como uma moeda oficial e terá paridade com o real (1 Drex = R\$ 1,00).



COMO POSSO FORMAR UMA CARTEIRA DE DREX?

■ É preciso ter uma conta em um banco ou em outra instituição financeira, que fará a intermediação com a plataforma do BC — controlador das emissões da moeda;

■ Esse intermediário será o responsável por transferir as quantias para a carteira digital do usuário, com segurança.

CBDC OU CRIPTOMOEDA, QUAL A MELHOR?

CBDC

- São emitidos e regulados pelos bancos centrais;
- Normalmente têm paridade com a moeda oficial do país ou têm baixa oscilação;
- São mais utilizados para realizar transações;
- São utilizados apenas dentro do(s) país(es) onde as moedas digitais estão implementadas;
- A maioria das moedas, porém, ainda está em fase de estudos.

CRIPTO

- Altas oscilações e estão sujeitas aos humores do mercado;
- São emitidas e armazenadas por meio de blockchain (banco de dados maiores) e não têm regulação estatal;
- São mais utilizadas para investimentos;
- Pode ser utilizadas internacionalmente, à exceção de um grupo de aproximadamente 50 países, que proibiram o uso;
- O mercado está em rápido crescimento global, com o Bitcoin se estabelecendo como o maior 'player';
- Carregam, porém, a má fama de servirem de pretexto para pirâmides financeiras e lavagem de dinheiro

Fonte: Banco Central

suscetíveis a bolhas financeiras — que ocorrem quando investidores negociam ativos em valores acima do real. Com isso, é inevitável que haja uma queda abrupta dos papéis, deixando um rastro de prejuízo.

Sobre isso, o economista e professor da Universidade de Brasília (UnB) César Berço explica que para quem deseja investir em ativos cripto, é necessário tomar cuidado com as corretoras. “Existem as mal intencionadas, que não estão registradas adequadamente, e utilizam esse desconhecimento das pessoas

para aplicar golpe. A bolha pode acontecer na medida em que há essa utilização inadequada da criptomoeda, que é muito especulativa. As pessoas devem ter esse conhecimento de que, entrando nesse ambiente, correm muito risco e não têm nenhuma garantia”, salienta.

Mas, ao contrário dos ativos cripto, as CBDCs operam em um sistema próprio. É o caso do Drex. “Nessa plataforma, haverá regras para garantir a segurança, a privacidade e a legalidade das transações”, explicou ao **Correio** o coordenador do projeto do

Drex no BC, Fábio Araújo. “Além disso, o Drex contará com formas de identificação e de criptografia modernos e fornecerá, no mínimo, a mesma segurança que temos hoje nas transações on-line”, destacou.

O Drex funcionará como uma moeda oficial, em um sistema gerido pela autoridade monetária, e se distingue do Pix — que é um meio de pagamento, tal como os cartões de crédito e débito e os quase extintos talões de cheque.

*Estagiário sob a supervisão de Fábio Grecchi

Por ora, só 3 países usam

Apesar de garantido pela autoridade monetária dos países, apenas três — Nigéria, Bahamas e Jamaica — implantaram uma Moeda Digital do Banco Central (CBDC) em seus sistemas financeiros. Outras unidades se encontram em fase de testes, como é o caso do yuan digital, da China, que opera nesta fase desde 2020.

No Brasil, o Drex ainda está em fase de “prova de conceito”, que vem logo depois do fim das pesquisas. Os dados são do site *CBDC Tracker*, que mensura em tempo real a situação de cada um dos 119 países que já anunciaram a moeda digital.

“Atualmente, os casos mais relevantes de moedas de bancos centrais referem-se a serviços de pagamentos instantâneos, solução já alcançada com muito sucesso pelo nosso Pix. O Drex avança em relação à experiência internacional, quando tem por objetivo simplificar e democratizar o acesso das pessoas a serviços e produtos financeiros como crédito, investimentos e seguros”, assegurou Fábio Araújo, coordenador do projeto do Drex no Banco Central (BC).

A ideia da instituição era disponibilizar o Drex já a partir do próximo ano 2024, mas a implantação corre risco de atrasar e passar para 2025. Segundo Fábio Araújo, a revisão do cronograma foi motivada pela complexidade que envolve o lançamento de uma moeda digital garantida pela autoridade monetária.

Vanguarda

Na avaliação do ex-diretor do BC Carlos Thadeu de Freitas, o Brasil está avançando na concepção de uma moeda digital. Ele vê com otimismo os novos passos adotados pela instituição.

“O Brasil está um pouquinho à frente, porque nem todo país tem Drex e nem todo país tem Pix”, observa.

Para o economista e professor da Universidade de Brasília (UnB) César Berço, o surgimento de moedas digitais oficiais pode ser benéfico para a segurança nas transações dentro do ambiente virtual. No caso do Drex, a moeda será diretamente atrelada ao real (1 Drex = R\$ 1).

“É importante dizer que a criptomoeda é um ativo para investimento, mas não tem nenhum lastro, não tem nenhuma garantia. O Drex é para utilizar no dia a dia, no sistema monetário e nas trocas, preservando as funções da moeda”, explica. (RP)



O Drex contará com formas de identificação e de criptografia modernos e fornecerá a mesma segurança das transações on-line”

Fábio Araújo, coordenador do projeto do Drex no BC